

VOOS DA ALFABETIZAÇÃO DISCURSIVA: NAS ASAS DA POESIA COM CRIANÇAS E ADULTOS

DISCURSIVE LITERACY FLIGHTS:
ON THE WINGS OF POETRY WITH CHILDREN AND ADULTS

Bárbara Cortella Pereira¹
Universidade Federal de Mato Grosso
barbara.cortella@gmail.com

Roger Cardoso Saldanha²
Rede Estadual de Educação de Mato Grosso
rogersofia@hotmail.com

No aeroporto o menino perguntou:

- E se o avião tropicalar num passarinho?

O pai ficou torto e não respondeu.

O menino perguntou de novo:

- E se o avião tropicalar num passarinho triste?

A mãe teve ternuras e pensou:

Será que os absurdos não são as maiores virtudes da poesia?

Será que os despropósitos não são mais carregados de poesia do que o bom senso?

Ao sair do sufoco o pai refletiu:

Com certeza, a liberdade e a poesia a gente aprende com as crianças.

E ficou sendo.

(Manoel de Barros)

1 Bárbara Cortella Pereira é professora da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT/PPGE/DEOE/Cuiabá) e Líder do GEPLOLEI, desde 2017. Coordenadora do GT 10 "Alfabetização, Leitura e Escrita" da ANPEd Centro-Oeste (2018-2022). Licenciada em Pedagogia (2006), mestre em Educação (2009) e doutora em Educação (2013) pela UNESP, campus de Marília. Realizou doutorado sanduíche na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), Paris, França.

2 Roger Cardoso Saldanha integra o GEPLOLEI desde 2018 e, atualmente, é mestrando em Educação/PPGE/UFMT. Professor da Rede Estadual de Educação de Mato Grosso.

RESUMO

Neste artigo, apresentam-se resultados de pesquisa vinculado ao projeto trienal (2018/2021) do Grupo de Estudo e Pesquisa *Linguagem Oral, Leitura e Escrita na Infância* (UFMT), em que se enfocam narrativas/voos de pesquisador/a e professor/a mediante pesquisa colaborativa sobre as vivências de crianças e estudantes do curso de Pedagogia, a partir das asas da literatura infantil como direito incompressível na formação do ser humano. Os participantes se relacionaram com a linguagem poética em saraus de leitura, criação de um livro de poemas e sessão de autógrafos organizados por crianças-alunos, vivenciando os jogos de ser autor, leitor e ilustrador. Constatou-se que ensinar e aprender a ler e a escrever como um processo discursivo – na interação, interlocução dialógica e produção de significados/sentidos – é um constante exercício de (trans)formação/voos, individuais e/ou coletivos, nas relações entre professores(as) e crianças-alunos como autoras, leitoras, ilustradoras.

Palavras-chave: Alfabetização. Processo discursivo. Literatura infantil. Poesia. Criação.

ABSTRACT

This article presents research results linked to the triennial project (2018/2021) of the Study and Research Group Oral Language, Reading and Writing in Childhood (UFMT), which focuses on narratives/flights of researcher and teacher through collaborative research on the experiences of children and students of the Pedagogy course, from the wings of children's literature as an incompressible right in the formation of the human being. Participants interacted with poetic language in reading soirees, creating a book of poems and autograph sessions organized by child-students, experiencing the games of being an author, reader and illustrator. It was found that teaching and learning to read and write as a discursive process - in the interaction, dialogic dialogue and production of meanings / meanings - is a constant exercise of (trans)formation/flights, individual and/or collective, in the relationships between teachers and child-students as authors, readers, illustrators.

Keywords: Literacy. Discursive process. Children's literature. Poetry. Creation.

Introdução

Destacamos, inicialmente, que neste artigo, empregamos a primeira pessoa do singular (eu) e a primeira pessoa do plural (nós), no processo de salientar as autorias em sua singularidade e, também, nas vozes coletivas. É, portanto, uma escrita dialógica, produzida ora individualmente, ora coletivamente.

Desde meu ingresso na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) como professora do Ensino Superior, em 2015, e depois como líder do Grupo de Estudo e Pesquisa Linguagem Oral, Leitura e Escrita (GEPLOLEI³), em 2017, persegui (in) conscientemente a metáfora do *Voo da Alfabetização* – voos ora individuais, ora coletivos (bandos), ora de adultos, ora de crianças – em incessante processo de (trans)formação, a partir de processos de interação, interlocução e produção de sentidos.

Do nosso ponto de vista, as *relações de ensino* não se reduzem ou se restringem às *interações* – imediatas ou circunstanciais – em sala de aula. As interações não dizem respeito apenas às situações de comunicação face a face e a linguagem não é apenas vista como forma de interação social. A concepção de linguagem como atividade constitutiva – do desenvolvimento humano, do pensamento, do conhecimento, da subjetividade – faz diferença no modo de conceber, interpretar e atuar nas relações de ensino. (SMOLKA, 2017, p. 27).

3 Sobre a história dos 4 anos de existência e resistência do GEPLOLEI, conferir (PEREIRA, 2021).

Passamos então, eu e os(as) professores(as) do grupo de pesquisa a compreendermos o processo de escritura das nossas narrativas como professores(as) e das crianças-alunos como forma de *existência* porque a linguagem nos constitui, e de *resistência* porque é constituidora de muitos sentidos pessoais e acadêmicos (BAKHTIN, GERALDI, 1996, SMOLKA, 1987; MAGNANI/MORTATTI, 1997). Nessa perspectiva, o papel do Outro é considerado um divisor de águas no processo de humanização, nas relações de ensino e nos gestos de ensinar, especialmente, quando tratamos do ensino da linguagem compreendida aqui “[...] como prática social, como produção e produto da atividade humana, constitutiva dos sujeitos em interação [...]” (SMOLKA, 2012, p. 13).

Não se trata, então, apenas de “ensinar” (no sentido de transmitir) a escrita, mas de usar, fazer funcionar a escrita como interação e interlocução na sala de aula, experienciando a linguagem nas suas várias possibilidades. No movimento das interações sociais e nos momentos das interlocuções, a linguagem se cria, se transforma, se constrói, como conhecimento humano. (SMOLKA, 2012, p. 60).

Pensar na função transformadora e libertadora do ensino da linguagem às crianças pequenas e no processo inicial de alfabetização, nos responsabiliza ao tratarmos da formação inicial e continuada de professores, pois, de acordo com Magnani (1997) faz:

[...] parte do processo de formação de sujeitos, num dado momento histórico, em determinadas relações sociais de trabalho.

O preparo específico e a prática dessa profissão caracterizam-se por aprender a ensinar, a aprender, a analisar e formular concepções de mundo e formas de atuação. (MAGNANI, 1997, p. 30).

Assim como o menino de Manoel de Barros carregava ousadamente água na peneira, pelo pacto ficcional de sua escrita, acreditávamos que podíamos ser ao mesmo tempo “noviça, monge, mendigo”, pois consideramos que a universidade e a escola pública têm o papel fundamental de ensinar nossas crianças, jovens e adultos/professores a lerem e a serem autoras/es de textos literários como forma de existência e significação no/do mundo.

Dessa forma, como professora junto a professores(a) iniciantes e outros mais experientes que ensinam a leitura e a escrita, seja na Educação Infantil ou no Ciclo de Alfabetização, buscamos compreender e garantir o direito a esse processo de apropriação da linguagem verbal e não verbal que acontece em uma “[...] sucessão de momentos discursivos, de interlocução e de interação.” (SMOLKA, 2012, p. 35). Processo esse que exige do professor(a) muitas vezes uma (re)significação teórico-prática da cultura escolar em que aprendeu, vivenciou e experienciou modos de ler e escrever, e, ainda um protagonismo para percorrer novos caminhos em sua prática docente.

Optar por essa proposta política de alfabetização pressupõe estudo, planejamento individual e coletivo, e protagonismo/posicionamento por parte das professoras/professores de pré-escola e alfabetizadoras/es, uma vez que não há um modelo/receita a ser seguido para romper com a forma tradicional com que muitas vezes eles próprios aprenderam a ler e a escrever em seu processo de escolarização.

Como se sabe, as concepções teórico-metodológicas e didático-pedagógicas de alfabetização não são neutras, e interferem diretamente nas práticas pedagógicas dos alfabetizadores, ou seja, a adoção de uma ou outra é também uma opção política que pode ou não favorecer o acesso à cultura escrita e a participação plena de todas as crianças-alunos(as). Desse ponto de vista, agir sobre o outro e sobre o mundo deve se dar por meio do texto – realidade concreta da língua –, lugar da enunciação e da interação verbal, da unidade de sentido, onde sujeitos – autor e leitor – se tornam interlocutores. (MAGNANI/MORTATTI, 1993; SMOLKA, 1993/2008; 1988/2012).

Buscamos então (trans)ver, como ensina o poeta da epígrafe de abertura deste texto, e significar a partir de seres ou objetos (reais ou imaginários) que metaforicamente, representam esse voo, particularmente, a partir do trabalho com a linguagem literária, e especialmente porque ela é um direito incompressível (CANDIDO, 1972;1988) de todo ser humano e disparadora do desejo e da necessidade de ensinar-aprender a ler e a escrever.

O trabalho com a Literatura Infantil na Educação Infantil e nos Ciclos de Alfabetização permite à criança ampliar seus horizontes e visão de mundo, evidenciando seu campo demarcado como repertório cultural. Partindo dessa premissa cabe o levantamento das seguintes questões: O que é literatura infantil? Qual sua finalidade? O que a caracteriza? Como e por que “usá-la” no processo de ensino inicial da leitura e da escrita? (OLIVEIRA; ARAÚJO, COENGA, 2018, p.13).

Como professora das disciplinas de alfabetização para as turmas de 2º e 4º do curso de Pedagogia, propus um trabalho para a formação inicial e continuada de professoras/es, ancorado na perspectiva discursiva, a partir das vivências saborosas com a literatura infantil: a produção de livros de imagens (OLIVEIRA; ARAÚJO, 2018) e cri(ação); de livros de literatura infantil (CARLOS, 2021); Sarau de Leitura e Escrita com os contos clássicos originais e literatura de tradição oral (QUICENO, 2020; QUICENO, PEREIRA, COENGA, 2021); produção de poemas (SOARES, SALDANHA, OLIVEIRA, 2020) por crianças e professoras(as)⁴ alfabetizadoras(es) desta pesquisa.

Neste artigo, optamos como professores/alfabetizadores e eu como professora/pesquisadora focalizar nossos voos na alfabetização a partir da leitura e da autoria de crianças nas asas dos poemas, dado os limites de tempo e espaço deste texto.

A seguir, apresentamos a perspectiva discursiva como *Ninho* de nossos estudos e pesquisas; seguindo-se a defesa da linguagem literária como *Asas* para nossos voos de professoras(es) e pesquisadoras(es) e, por último, apresentamos algumas vivências de um professor-poeta iniciante, professor Águia, que voa nas asas das poesias com suas turmas de 4º e 5º anos de uma Escola Estadual de Várzea Grande-MT, em um processo de metamorfose de *galinha à águia*, interagindo com a cultura poética, com as crianças-pássaros e a Fênix⁵, pesquisadora, parceira e interlocutora nesses voos.

4 No ano de 2020, participamos de um projeto de extensão intitulado “Água na Peneira” ((UFMT), coordenado pela Dra. Rúbia Helena Napolini Yatsugafu em que pesquisadoras e professoras/es produziram poemas como forma de existência e resistência, especialmente em face ao momento de distanciamento e isolamento social decorrentes da pandemia do COVID-19. Acesso em: <https://www.facebook.com/aguanapeneira>.

5 Fênix é uma figura mitológica “[...] quando sentia que ia morrer, montava um ninho com incenso e outras ervas aromáticas para ser incinerada pelos raios do Sol. De suas cinzas, nasceria uma nova ave.” Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/onde-surgiu-e-o-que-representa-a-mitologica-ave-fenix/>.

O processo discursivo na alfabetização como Ninho/Morada

Em agosto de 2018, iniciamos o projeto trienal de pesquisa *Ninho* – processo discursivo no ensino inicial da leitura e da escrita para crianças de escolas municipais e estaduais, da cidade e do campo, em Mato Grosso – que abrigou nossas pesquisas de iniciação científica e mestrado em Educação, em parcerias com as escolas-asas.

Um dos critérios para a seleção dos participantes foi a disponibilidade das(os) professoras(es), preferencialmente iniciantes, para participarem quinzenalmente das reuniões do GEPLOLEI/UFMT a fim de estudarem a perspectiva discursiva da alfabetização e desenvolverem conosco um planejamento colaborativo de suas aulas, partindo dessa perspectiva em suas escolas.

O desenvolvimento profissional das(es) alfabetizadoras(es) e os seus horizontes se ampliaram ao se apropriarem de alguns conceitos importantes como o de desenvolvimento humano, de Vigotski, e de gestos de ensino e espaços de elaboração, não-coincidências para Smolka (1988; 2012; 2010). Assim, ao longo das reuniões de estudo, pudemos defender práticas alfabetizadoras discursivas diante das famílias das crianças, da comunidade escolar e do entorno sociocultural.

Essa parceria entre alfabetizadoras/es e pesquisadoras/es possibilitou potencializar o tempo de planejamento conjunto compreendendo esse *Espaço/tempo como* produtor de saberes e fazeres entre alfabetizadoras/pesquisadoras/crianças na formação de leitoras/es e autoras/es de textos. Mas, o desenvolvimento de um planejamento colaborativo na escola ainda é um grande desafio, pois exige uma sensibilidade de “Aprender a ser com um Outro”; necessita de um tempo-espaco de pesquisa para conhecer as crianças, suas condições materiais e familiares, levantamento de repertórios, vivências, acompanhamento e (auto)reflexão sobre o vivido.

Histórias de mulheres e homens; professoras e professores que muitas vezes tiveram seus direitos à leitura (em especial à literária) privados, mas que ao ressignificar suas práticas lutam incansavelmente pelo direito a voos mais altos, mais justos e fraternos para todas/os que adentram e habitam o mundo da leitura e escrita, conforme metáfora representada pelo poema de fechamento deste texto. (PEREIRA, 2021, p. 8).

Em 2019, ancoramo-nos na perspectiva discursiva da alfabetização, compreendida por nós como matriz teórico-metodológica/proposta política da alfabetização (DELMONDES, 2020; OLIVEIRA, DELMONDES, 2019) representada como Ninho/Morada, a partir dos estudos da tese de doutorado da profa. Ana Luiza Smolka, de Vigotski, e de Bakhtin e, também, da nossa (trans)formação/metamorfose, como seres humanos e professoras(es).

Em 2020, a pandemia do COVID-19 chegou para nos engaiolar em nossas moradas. Interrupção de muitas vidas e sonhos, tristeza que parece não ter fim! Os voos entre a universidade e a escola passaram a ser virtuais em telas como gaiolas ou outros modos de ensinar-aprender. Enquanto grupo de pesquisa, voamos mais alto ainda de abril a setembro de 2020, e promovemos 17 *lives*⁶ como rodas de conversas com outros pássaros de mais de 20 universidades brasileiras. Entre elas, 9 foram sobre a perspectiva discursiva da alfabetização, ampliando assim nosso referencial teórico-metodológico. Tivemos mais de 60 mil acessos a nossos canais virtuais (Youtube e Facebook).

Participamos de 2 projetos de extensão *Água na Peneira*, em parceria com o projeto *UFMT Com a Corda Toda*, em que eu como professora orientadora junto aos colaboradores da pesquisa produzimos poemas individuais em coautoria e até mesmo em autoria coletiva, publicados na página do Facebook do projeto.

6 Todas as Lives promovidas pelo GEPLOLEI estão disponíveis em: https://www.youtube.com/channel/UCphlhRdfWWFhKaQauGMg?view_as=subscriber

A experiência de escrever textos sobre nossas vivências cotidianas, especialmente sobre os mais diversos sentimentos causados pela pandemia e/ou as vivências na/da escola, ajudaram a ensaiar voos mais livres das amarras acadêmicas e vemos o potencial de cada professor(a) como autor(a) de textos poéticos.

Segue um dos poemas produzidos no projeto Água na Peneira.

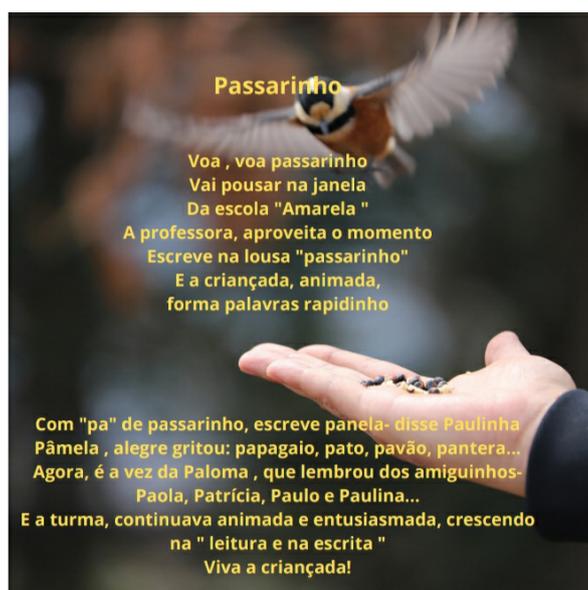
Imagem 1– Poema *Germin(ação)*, de Bárbara Cortella e Roger Saldanha



Fonte: Projeto de extensão Água na Peneira (UFMT)

Participamos também do Curso *A perspectiva discursiva para a Alfabetização*, em parceria com o Grupo-Asa Educateliê da UNIFAL/ MG que ministrou o módulo IV de *Alfabetização como processo discursivo*⁷ agregando cerca de 500 alfabetizadores(as) da rede municipal de Alfenas, MG.

Imagem 2 – Poema *Passarinho* de uma alfabetizadora de Alfenas-MG



Fonte: *Curso de Formação Virtual de professores* (UNIFAL/Educateliê, 2020).

⁷ Os encontros desse Curso ministrado em parceria do GEPOLEI com o Educateliê, liderado pela Dra. Vanessa Giroto Nery estão disponíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=Aj0wAVEz5L4&t=1190s>.

Na unidade 2 desse módulo do curso, *A perspectiva discursiva para a Alfabetização, em parceria com o Grupo-Asa Educateliê*, conseguimos dialogar sobre a perspectiva discursiva por meio da produção de poemas escritos pelas cursistas. O resultado da autoria das escrituras das alfabetizadoras foi potente, produzindo muitos sentidos sobre ensinar a ler e a escrever com literariedade, estética e ética.

Nas asas da/com/sobre a literatura infantil: do Ninho ao voo

A leitura e a escrita de textos literários são importantes exercícios de criação, (re)invenção, liberdade, cura para nossas pequenas ou grandes dores e medos, assim como um movimento de resistência, especialmente em tempos tão sombrios de pandemia e antidemocracia no mundo e no Brasil.

Alguns signos, símbolos e arquétipos da literatura como bens culturais da humanidade possibilitam pensar este voo, vivenciado por professoras(es) pesquisadores(as), estudantes de graduação e pós-graduação e professoras(es) da educação básica.

No ensino inicial da leitura e da escrita, a literatura infantil representa para nós um elemento mediador do processo de apropriação da língua escrita (SMOLKA, 1987; MORTATTI, 2014), uma vez que a leitura do texto literário favorece especialmente o desenvolvimento humano e suas funções psíquicas superiores (imaginação, controle da conduta, memória, linguagem escrita). Além disso, favorece o contato com as emoções, levando crianças e adultos a refletirem, analisarem, interpretarem e produzirem textos escritos a partir de valores estéticos da linguagem criativa e criadora, sugestiva, fluente, de temas interessantes ou intrigantes, da inventividade no jogo das palavras, do potencial lúdico e ético da obra literária.

[...] trabalhar a literatura infantil na escola implica, além de conhecer e considerar o caráter originariamente pedagógico, ético e pragmático desse gênero como produto cultural (Zilberman, 1982a, 1982b), forjar e constituir a dimensão lúdica e estética, fantástica e maravilhosa dos textos e das atividades de leitura e de escrita com as crianças; implica trabalhar não só a leitura, mas a autoria do texto escrito. (SMOLKA, 2012, p. 111).

Considerando a força humanizadora segundo Candido (1972) e lúdica da linguagem literária e, também, a contribuição dos estudos de gêneros orais e escritos do discurso para a formação de crianças leitoras, autoras, ilustradoras, questionamo-nos de que maneira poderíamos contribuir com a abordagem discursiva no ensino inicial da leitura e da escrita às crianças de escolas municipais e estaduais, da cidade e do campo, do estado de Mato Grosso, para que fosse melhor compreendida e utilizada nas práticas pedagógicas das professoras(es).

Voos nas asas da poesia

Ao longo do projeto trienal de pesquisa do GEPOLEI, buscamos compreender a relação das(os) professoras(es) colaboradoras(es) com o texto poético e como isso reverberava na formação das crianças-alunos⁸ leitores e autores do ciclo de alfabetização, bem como nos 4º. e 5º anos do Ensino Fundamental, pois ainda havia algumas crianças que estavam em processo de apropriação da leitura e da escrita. Ampliamos o repertório dessas professoras apresentando alguns poetas e poetisas que foram nossas asas durante o projeto.

8 O termo "crianças-alunos" tem sido utilizado pelas/os pesquisadoras/es do GEPOLEI para reafirmar o direito de nossos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental serem considerados como crianças com direito de ler, ouvir, contar histórias, brincar e fazer peraltagens com as palavras.

Nas asas de Manoel de Barros, aprendemos a amanhecer, a escutar as palavras, a criar livros de imagens (OLIVEIRA, ARAÚJO, 2018), a gorjear no tom/(in)tensidade do desejo de nossas crianças da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental. Nas asas de Zuzu, a bruxinha atrapalhada de Eva Furnari, aprendemos e ensinamos a magia de tentar solucionar os mais diversos problemas com seus amigos. Já com a bruxinha Tatiane Belinky, em seu caldeirão de poemas (I e II), (re)aprendemos a necessidade de transgredir as formas de escrever com seus limeriques. Nas asas das fadas de Nelly Novais Coelho, (re)descobrimos esse universo encantador e nos inspiramos em seus gestos de delicadeza para ensinar.

As asas de uma professora/líder: Fada, Bruxa e Fênix

Sou vista pelos outros que me constituem há 8 anos como professora do Ensino Superior (UNEMAT/UFMT) e há 4 anos como líder do GEPLOLEI/UFMT (estudantes de graduação e pós-graduação, orientandas/os de mestrado e colegas de profissão). Sou *como Fada* pela sensibilidade e capacidade de inspirar novos voos partindo de outros ângulos, outras brechas/fendas, outras formas de pensar, conhecer e agir no/sobre o mundo.

Em muitos momentos, vejo-me como *Bruxa má*, como mãe e professora, pela incapacidade de ser sempre terna, pela falta de paciência, pela incapacidade de olhar e escutar atentamente em muitas situações do cotidiano. No atual momento, (trans)vejo-me como *Fênix*, pela coragem ou necessidade de não deixar morrer aquilo que realmente amamos: a esperança no processo de desenvolvimento do ser humano, na perspectiva vigotskiana. Como mulher, mãe, professora e pesquisadora desejo (re)significar esses voos, ora solitários ora coletivos, ora felizes ora tristes, ora tranquilos ora perturbados; ora de morte ora de vida.

Desde 2016, como professora da turma de *Fundamentos e Metodologia do Ensino da Linguagem IV*, reencontro-me como leitora e amante das poesias de Manoel de Barros a perseguir a metáfora do voo em minha constituição inicial docente. Como professora *Fênix* produzi livros de imagens e um sa-rauzinho literário (OLIVEIRA, ARAÚJO, 2018), com alunos e alunas do 4º. ano do curso de Pedagogia, no Centro Municipal de Educação Infantil Manoel de Barros. Tropicamos com os olhares de passarinhos-crianças e adultos-borboletas, com o silêncio da garça branca e avôs solitários (que também têm asas). Nos dizeres de Rubem Alves, “comecei a fazer amor com as palavras” e busquei “fazer peraltagens” com elas, tentando ensinar a produzir esses possíveis sentidos no ato de alfabetizar.

Nos poemas de Manoel de Barros, musicados pelo grupo *Crianceiras* de Márcio de Camillo, ampliamos os repertórios dos futuros professores e professoras da escola e das crianças nos lindos (des) encontros com Manoel de Barros. Algumas das narrativas poéticas dos encontros formativos, no 1º ano de exercício docente na UFMT, foram inesquecíveis, como por exemplo com os alunos-pássaros do 4º. Ano do curso de Pedagogia (UFMT):

- Professora, não gostamos dos poemas de Manoel de Barros.
- Não sabemos interpretar sua poesia.
- Ele escreve muito difícil.
- Não sabemos ilustrar.
- Não somos autoras/as.
- Não sabemos escrever poesias.

(Caderno de voo da professora Fênix, 2016).

De não em não, os sentidos de nossas aulas foram provando o contrário. E professores e professoras começaram a apreciar Manoel de Barros, a ilustrarem seus poemas e escreverem belos textos literários. Não menos marcantes foram os momentos formativos na escola com as crianças, em canções, leituras, produção de desejos e sentidos, sustos e algumas frustrações como no diálogo que se segue:

Crianças: Professora, não gostamos do poema de Manoel de Barros (turma de uma pré-escola)

Fênix: Por quê? [demonstrando surpresa]

Crianças: Porque a leitura encenada do poema das estagiárias foi muito rápida.

Estagiárias: Vocês querem que leiamos/encenamos, novamente?

Crianças em coro: Sim!

Fênix e Estagiárias: Expressões e olhares de alívio.

(Caderno de voo da professora/pesquisadora, Sarau de Leitura e Escrita em uma EMEB, 2016).

De lá para cá, como professora Fênix encontrei muitos pássaros e constitui um bando (GEPLOLEI) para voarmos juntos na luta pela perspectiva discursiva da alfabetização. Um exemplo disso é o encontro com o professor Águia, em 2018, que se via, no início, como galinha (BOFF, 2017).

Águia: Professora, por favor, ensina-me a escrever!!!

Fênix: Mas, você já sabe escrever, R. Você precisa acreditar em você mesmo...escreve belíssimos poemas.

Águia: Preciso aprender a escrever nos moldes acadêmicos...

Fênix: Então, caminhe conosco em nosso grupo de pesquisa, tenho certeza que você alçará belos voos!

(Caderno de voo da Pesquisadora, julho 2018)

Passamos a compartilhar alguns resultados dos voos do professor Águia que, juntamente com as suas crianças-alunos, vivenciou um processo de (trans)formação por meio do trabalho *de/com/sobre* a linguagem poética.

De poeta a professor Águia: penas que envolvem e encantam

Como disse a poetiza, professora e pesquisadora Maria Mortatti num voo literário intitulado de *Recitaula*, junto ao GEPLOLEI, no ano de 2021, “A palavra escrita é a materialização da experiência humana”. Com este enunciado, eu, Roger Saldanha, inicio a partilha do meu processo formativo como professor/ pesquisador no Estado de Mato Grosso, município de Várzea Grande, em uma unidade escolar estadual como participante do projeto trienal de pesquisa para formação leitora e escritora de crianças do Ensino Fundamental, após acolhimento e desafio no GEPLOLEI.

Antes de narrar o processo criativo de um livro de poesia com crianças do 1º e 5º anos do Ensino Fundamental, não posso deixar de mencionar parte da minha trajetória junto à literatura que teve início na pré-escola, ao receber meu primeiro livro de literatura infantil de uma professora chamada Jussara. Na humilde casa de minha mãe, eu era constantemente convidado por uma estante recheada de livros infantis assim como por uma vitrola que me contava as peraltices do macaco Simão, com suas estratégias de sobrevivência frente às adversidades que o desafiavam, estratégias estas que me consolaram após a morte do meu pai.

Já durante o Ensino Fundamental, interagi e tive uma interlocução com uma professora cujo nome não me lembro, que mudou minha relação com a leitura e a escrita, pois eu e meus colegas fomos desafiados a compor um livro de poesias ilustrado. Na biblioteca de minha mãe, não havia apenas livros literários infantis, mas também infanto-juvenis. A coleção Vagalume apresentou-me *A ilha perdida* de Maria José Dupré, que me encantou, também, ainda na adolescência. Voei pelo mundo da fantasia e imaginação com uma coleção de revistas em quadrinhos de um amigo e ganhei minha primeira coleção da revista *National Geographic*.

Com incentivo e influência de minha mãe, comecei a frequentar bibliotecas como a do Sesc, onde descobri poetas abolicionistas, poesias francesa e inglesa. Conheci Shakespeare e Vitor Hugo e uma diversidade de literatura que me transformaram num leitor faminto. Aos 15 anos, ganhei de um amigo uma edição do livro *Capitães de Areia*, de Jorge Amado. Com os primeiros salários recebidos, comprei minha assinatura da revista *Super Interessante*.

Outra professora, Eliany Salvatierra Machado, que na época trabalhava com Artes no Ensino Médio, hoje doutora em Ciência da Comunicação pela ECA/USP e professora da Universidade Federal Fluminense (UFF, Niterói/RJ), apresentou-me a dinâmica universitária e nasceu em mim o desejo de me tornar professor e adentrar ao mundo universitário. Nesse período, me envolvi com teatro amador em Campo Grande, MS, sob direção do diretor, ator e coreógrafo Célio Adolfo, que faleceu 2011 e a quem presto minhas homenagens neste artigo.

Após aprendizagens significativas no mundo artístico, ingressei no curso de Teologia, no Seminário Teológico Batista Sul Mato-Grossense e, depois, no Centro Educacional Evangélico em Londrina/PR. Como líder eclesial, fiz minha imersão em uma biblioteca em que voei por escritos de diversas áreas, sociologia, filosofia, antropologia, psicologia etc. Entre teólogo e professor, escolhi a sala de aula.

Em 2003, publiquei um livro de poesia com dois amigos teólogos, lançado na Biblioteca Pública de Londrina-PR. Depois disso, graduei-me em Filosofia e Pedagogia, interessado na Teoria do Conhecimento e na Psicologia do Desenvolvimento.

Já professor, atuei na Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e na Educação Especial, com crianças e jovens surdos no interior de São Paulo. Estas vivências me instigaram a escrever contos, crônicas e poemas ainda não publicados.

Em 2018, ingressei como professor pedagogo na Rede Estadual de Educação de Mato Grosso, no município de Várzea Grande. Após o curso *Seja um Contador de Histórias*, ministrado pela atriz e contadora de história Alice de Oliveira, fui convidado a participar do Grupo de Estudo e Pesquisa Linguagem Oral, Leitura e Escrita na Infância (GEPLOLEI) como citado neste tópico, da UFMT, liderado pelas profas. Bárbara Cortella e professora. Nilza Cristina Gomes de Araújo.

Enfim, a leitura e a escrita fazem parte da minha formação há alguns anos. Ao ser convidado para fazer parte do projeto trienal de pesquisa do GEPLOLEI, iniciei estudos e pesquisas baseados na tese de doutorado da professora Ana Luisa Bustamante Smolka, intitulada *A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo*. Isso me abriu caminhos para trabalhar a constituição leitora e escritora com as crianças-alunos. Recebi então a visita das coordenadoras do GEPLOLEI na escola e foi estabelecida uma parceria entre a equipe gestora e a coordenação escolar para iniciarmos as atividades como contação de histórias, leitura de clássicos Grimm e poemas de vários escritores.

No tópico seguinte, passo a tratar da constituição da autoria das crianças-poetas e da criação do livro *Nossas Rimas*.

De crianças para crianças-poetas: a produção do Livro *Nossas Rimas*

Como já foi dito, assumi em agosto (2018), uma sala de 4º ano do ensino fundamental de uma escola pública estadual em Várzea Grande, MT. A escola fica situada em um bairro com condições econômicas pouco favorecidas. Foi nesse contexto que a leitura e a contação de histórias foram utilizadas por mim no intuito de desenvolver o senso estético e a apreciação pelas palavras faladas e escritas de maneira lúdica. O objetivo era nos envolvermos com o processo discursivo, e não somente com os produtos que dele resultassem.

Em 2019, tive oportunidade de continuar com metade das crianças com as quais havia trabalhado no **4º ano**, o que me possibilitou certa intimidade e facilidade para conquistar o restante de sala, possibilitando um trabalho com vistas ao desenvolvimento humano e não somente ao cumprimento do currículo escolar, já que entendia a alfabetização discursiva como uma proposta político-pedagógica, um processo mediado culturalmente por meio de interações, interlocuções e produções de sentidos junto **às crianças-alunos**, situados numa condição histórica, material e cultural específica. Busquei com elas, no 5º ano do ensino fundamental, desenvolver qualidades especificamente humanas como a fantasia, a imaginação, a atenção voluntária, a memória, a linguagem oral e escrita, o pensamento etc.

Em diálogo com a coordenação do GEPOLEI, decidimos que iniciariamos um trabalho de leitura e contação de histórias com as crianças-alunos para a consolidação da leitura e escrita por meio da escuta atenta dos sonhos e desejos futuros das crianças. Como mediador mais experiente na sala, procurei pontos de aproximação e identificação entre minha trajetória e formação e meus pequenos companheiros e companheiras de voos poéticos.

Apresentei-me como aluno, leitor, escritor, poeta e contador de histórias em vez de professor, por ser naquele momento apenas um colaborador do GEPOLEI e aluno ouvinte de uma disciplina da Pós-Graduação do Instituto de Educação (UFMT), sem perder de vista o papel mediador no processo de formação humana. Desafiei as crianças-alunos **à composição de um livro de poesia ilustrado**, semelhante ao que eu havia feito quando pré-adolescente, convidando-os a participarem do projeto de pesquisa da universidade, mesmo estando eles no ensino fundamental, pois pretendia que significassem esta experiência comigo, e dessa maneira ressignificassem suas percepções do ato de ler, de escrever e de suas identidades como leitores-autores em formação.

Iniciei um diálogo sobre os sonhos e desejos das crianças, procurando saber sobre suas famílias e condições de vida, visando perceber as potencialidades e não as limitações. A aluna-criança Beija flor, por exemplo, escreveu “Meu sonho é ser uma advogada muito famosa para ajudar meus pais e conseguir uma vida de rainha para a minha mãe e um carro para meu pai”. Assim como essa criança, a maioria dos 26 alunos daquela turma sonhava em ter uma profissão para ajudar suas famílias a terem melhores condições de vida, no futuro.

Ao trabalhar com alguns textos literários de livros didáticos, de início, percebi que apenas três crianças-alunos disseram ser leitoras eventuais. A maioria sentia-se desmotivada, frente alguns gêneros textuais. Então, escolhi livros-imagem e mostrei a elas que, antes de lerem palavras já eram leitores de imagens, na tentativa de instigar e fortalecer neles a confiança como leitores.

Como tenho noções básicas de desenho artístico, levei-os a desenhar esboços e depois a compor pequenos livros de imagens sobre o tema que desejassem, tendo como referência os livros de histórias da biblioteca da escola e de uma biblioteca particular de uma professora do 1º ano, Miriam César, grande parceira de projeto. Ao verem suas produções e compartilharem seus livros, pudemos dialogar sobre a identidade de escritores(as) e ilustradores(as) que se iniciava, como por exemplo, na bonita relação de amizade entre a rosa e o beija-flor, conforme vemos na imagem que se segue.

Imagem 3 – Capa do livro da criança-aluno Beija-flor



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador (2019)

O processo de criação dos livros de imagens, no 1º semestre de 2019, passou por diferentes fases de produção, desde a escolha do tema, o esboço das ilustrações em grafite, a pintura em lápis de cor, a capa em que grafariam o título por eles escolhidos, o nome do(a) autor(a), pelas quais as crianças se apropriaram dos papéis sociais de como leitoras, autoras e ilustradoras.

Em seguida, recebemos um convite da coordenação da escola para a criação de um livro digital de histórias com ilustrações. Aceitamos o desafio e, regularmente, visitávamos a biblioteca da escola, líamos livros, dicionários, contos dos irmãos Grimm, e participávamos de contações de histórias. Dessa forma, iniciamos os esboços das ilustrações para o livro digital e rascunhamos a escrita das histórias, as crianças liam umas para as outras fazendo as correções e as adaptações necessárias levantadas nesses diálogos.

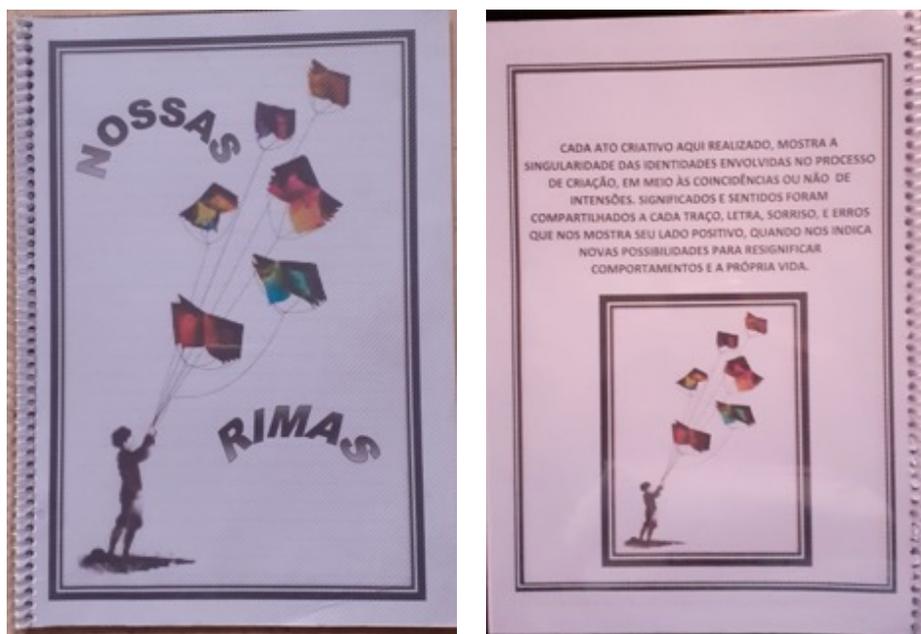
O livro digital de cada criança foi projetado em PowerPoint, analisado e apreciado pelas crianças-alunos e a satisfação pela criação se alastrou entre nós. Ao entender o ato criativo que singulariza o indivíduo no processo de desenvolvimento de suas potencialidades, percebi que a leitura e a escrita desabrocharam a ponto de iniciarmos a composição do livro de poesia que havíamos idealizado no início desse ano (2019). Então, apresentei uma forma poética japonesa chamada *Haikai*, e dada a característica dos poemas desse gênero serem bem curtos, as crianças-alunos se motivaram e também iniciaram suas produções.

Isso resultou em um convite para um momento de autógrafos das produções literárias para as crianças-alunos do 1º ano do ensino fundamental, regido pela professora Miriam Cesário. Eu representei o poeta Manoel de Barros e as crianças organizaram e receberam os pequenos convidados como mediadores mais experientes. O momento de autógrafos precedeu e preparou o lançamento dos livros das crianças que a professora Miriam e eu planejamos para o final daquele ano, ao convidarmos os familiares, a gestão e a coordenação escolar, assim como uma poetisa local⁹ que foi homenageada junto com nossos escritores(as) e ilustradores(as) mirins.

9 Mafalda Moreno (1944-) nasceu em Martinópolis-SP e reside em Várzea Grande-MT, desde 1980. A autora se dedica desde 2002 a escrever poemas e poesias, como *Construindo Caminhos* (2010) e *Poesias da Alma* (2020). Mais informações sobre sua vida e obra, estão disponíveis em: <https://www.escriitorescontemporaneos.com.br/l/mafalda-moreno/>.

A produção da coletânea *Nossas rimas* foi desenvolvida em diferentes etapas, ora individuais ora coletivas, como atividades de leitura compartilhada pelo professor de Haicai, escolha da temática dos poemas individuais, escrita das biografias contendo nome, idade, cidade natal e o sonho de cada criança, escrita do poema e sua respectiva ilustração, levantamento e votação para a escolha do título e da imagem da capa e contracapa da coletânea que contemplou a ilustração de um menino empinando livros coloridos. Por fim, realizamos a sessão de autógrafos com os convidados externos.

Imagens 4 e 5 – Capa e quarta-capa da coletânea *Nossas rimas* (2019)



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador (2019)

A produção dessa coletânea de poemas representou um avanço significativo nos voos dessas crianças ao se apropriarem dos papéis sociais como leitoras, autoras e ilustradoras, em especial da criança-aluno Lua, no início do ano não sabia ler nem escrever e era estigmatizada pelos colegas da turma, ganhou o respeito e conquistou a amizade da turma, poetizando

Era uma vez uns amigos que tava
passeando pelo mato
e queria voar até a Lua!!!

Seguem-se as considerações finais.

Considerações finais

Nestes 4 anos de existência e resistência do GEPOLEI, destacamos como fomos nos constituindo e nos (trans)formando como professoras(es) e pesquisadoras(es) nas relações e gestos de ensino com as crianças-alunos.

Após quase 3 anos de desenvolvimento do projeto trienal de pesquisa do GEPOLEI, constatamos a importância da parceria entre a universidade e as escolas-asas que potencializou o desenvolvimento profissional dos professores iniciantes e dos mais experientes, a partir de um planejamento colaborativo representado nos episódios de ensino da professora Fênix e do professor Águia, autores deste artigo.

O trabalho com a literatura infantil metaforizado pelas asas propiciou o desenvolvimento humano de crianças-alunos e adultos-professoras(es). Revelou os desejos e as necessidades de as crianças-alunos constituírem-se autoras, leitoras e ilustradoras, como no exemplo citado da criança Beija-flor e do menino Lua. Professores(as) em formação-ação, na interação com a língua e com a cultura se (trans)viram em professoras(es)-poetas, num espaço de liberdade de aprendizagem e ensino na relação com as crianças. Aprendemos com Manoel de Barros que, “Com certeza, a liberdade e a poesia a gente aprende com as crianças”.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da linguagem*. 4. ed. Tradução de Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1988.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha: da condição humana*. São Paulo: Editora Vozes, 2017.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *Vários escritos*. In: CANDIDO, Antonio: 4.ed. São Paulo: Duas cidades, Ouro Azul, 2004, p. 169-191.

CARLOS, Thais Rodrigues; OLIVEIRA, Bárbara Cortella Pereira de. Leitura deleite: O processo discursivo como (im)possibilidade do trabalho com textos literários para crianças. *Olhares*, v. 7, n. 2, p. 129-143, ago. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.34024/olhares.2019.v7.9522> . Acesso em: 10/2/2021.

CARLOS, Thais Rodrigues; OLIVEIRA, Bárbara Cortella Pereira de. Imaginação e criação em Vigotski: (re)significação da produção literária na alfabetização de crianças”, de sua autoria. *Revista Eletrônica de Educação (REVEDUC)* da Universidade Federal de São Carlos. (publicação aceita).

CORSARO, W. A. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. *Revista Educação e Sociedade*, v. 26, n. 91, maio/ago., 2005, p. 443-464.

DESGAGNÉ, S. (2007). O conceito de pesquisa colaborativa: a ideia de uma aproximação entre pesquisadores universitários e professores práticos. *Revista Educação Em Questão*, 29(15). Recuperado de <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/4443>. Acesso em: 01 set. 2020.

DELMONDES, Cristiane Dias Santos. *Um estudo sobre A Criança na Fase Inicial da Escrita: a Alfabetização como processo discursivo de Ana Luiza Smolka*. 2020, 111f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2020.

GERALDI, João Wanderley. Concepções de linguagem e ensino de português. In: GERALDI, J. W. (org.). *O texto na sala de aula: leitura e produção*. Cascavel: Assoeste, 1984. p. 41-49.

GERALDI, João Wanderley. *Linguagem e ensino: exercício de militância e divulgação*. Campinas –SP: Mercado de letras: Associação de leitura do Brasil, 1996.

MAGNANI, M. R. M. *Em sobressaltos: formação de professora*. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Os sentidos da alfabetização: São Paulo/1876-1994*. 1. ed. 2 reimp. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Métodos de alfabetização no Brasil: uma história concisa*. São Paulo: Editora UNESP, 2019. Download em: http://editoraunesp.com.br/catalogo/9788595463394,metodos-de-alfabetizacao-no-brasil?fbclid=IwAR0kFr3aZ-alJ55L3FU6Wmz_uQAINQIhB4qinu8uTdpB8_MiRf8MozGo50 Acesso em 20.fev.2021.

OLIVEIRA; ARAÚJO; COENGA. Projeto trienal de pesquisa: *O processo discursivo no ensino inicial da leitura e da escrita para crianças de escolas municipais da cidade e do campo*, agosto de 2018 à agosto de 2021, em Mato Grosso, 2018. (GEPLOLEI)

OLIVEIRA, Bárbara Cortella Pereira de; ARAÚJO, Nilza Cristina Gomes. "O texto (in)visível dos livros de imagens: a transformação de crianças e adultos leitores. *Revista Linha Mestra*, n.36, 2018. Disponível em: <http://lm.alb.org.br/index.php/lm/article/view/73>. Acesso em 20/2/2021.

OLIVEIRA, Bárbara Cortella Pereira; DELMONDES, Cristiane Dias Santos. A Proposta Pioneira da Alfabetização como Processo Discursivo no Brasil e sua Apropriação pelas Alfabetizadoras, em Mato Grosso. *Revista Brasileira De Alfabetização*, v. 1, p. 126-148, 2019. Disponível em: <https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/337>; Acesso em: 10 fev. 2021.

QUICENO, Johanna Andrea Arredondo. *Práticas de oralidade e escrita em crianças de 5 anos em uma escola pública em Antioquia – Colômbia: a vivência com gêneros literários de tradição oral*. 2020. 117f. Dissertação (mestrado em educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, 2020.

QUICENO, Johanna Andrea Arredondo; PEREIRA, Bárbara Cortella; COENGA, Rosemar Eurico. Literatura infantil: una herramienta primordial para el desarrollo de los niños de preescolar. *Revista de Educação Pública*, v.30, p.1-18, Jan.dez.2021. Disponível em:

PEREIRA, Bárbara Cortella. *GEPLOLEI (2017-2021): a história de um voo (trans)formador na Alfabetização de crianças por professoras/es*, em Mato Grosso. In: Livro em fase de editoração, 2021.

OLIVEIRA, Bárbara Cortella Pereira de; ARAÚJO, Nilza Cristina Gomes. A arte de ensinar a contar, cantar e ler histórias para e com crianças: experiências estético-formativas. In: GRAZIOLI, Fabiano Tadeu; COENGA, Rosemar Eurico (Org.). *Literatura de recepção infantil e juvenil: modos de emancipar*. Erechim: Habilis Press, 2018a. p. 303-324.

DELMONDES, Cristiane Dias Santos; OLIVEIRA, Bárbara Cortella Pereira de. As contribuições de Vygotsky e Smolka para o ensino inicial da leitura e da escrita. In: XIV Encontro de Pesquisa em Educação da Região Centro-Oeste – ANPED-CO, 2018, Cáceres. *Anais [...]*. Cáceres: Unemat, 2018. Disponível em: <http://anais.anped.org.br/regionais/sites/default/files/trabalhos/5/3382>. Acesso em 20/2/2021.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. Ensinar e significar: as relações de ensino em questão ou das (não) coincidências nas relações de ensino. In: SMOLKA, Ana Luiza Bustamante; NOGUEIRA, Ana Lúcia Horta (org.). *Questões de desenvolvimento humano: práticas e sentidos*. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 107-128.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. *A criança na fase inicial da escrita: alfabetização como processo discursivo*. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SMOLKA, Ana Luiza B. Da alfabetização como processo discursivo: os espaços de elaboração nas relações de ensino. *A alfabetização como processo discursivo: 30 anos de A criança na fase inicial da escrita*. In: SMOLKA, Ana Luiza B: São Paulo: Cortez, 2017, p. 23-45.

SOARES, Mirian Cezário Guedes; PEREIRA, Bárbara Cortella; SALDANHA; Roger Cardoso *Saldanha*. Manoel de Barros encontros e des(encontros). (p.149-157) *Anais do 28º*. SemiEdu, 2020. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1QG1XxkAeG0p2JJTIFI95TJEWKO4ZKN0B/view>

VIGOTSKI, Lev Semionovich. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 7.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKII, Lev Semionovich. LURIA, Alexander Romanovich. LEONTIEV, Alex N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. 15. ed. São Paulo: Ícone, 2017.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. *Imaginação e criação na infância*. São Paulo: Ática, 2009, 135 p.

Recebido em: 01/03/2021

Aceito em: 29/04/2021